



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

CARLOS MESQUITA NEIVA DE MELO

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM PERNAMBUCO:
APOGEU E CRISE (SÉCULO XX)

RECIFE – PE

2022

CARLOS MESQUITA NEIVA DE MELO

A INDÚSTRIA TÊXTIL EM PERNAMBUCO:
APOGEU E CRISE (SÉCULO XX)

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo Científico) apresentado como requisito necessário para obtenção de título Licenciado em História pelo aluno Carlos Mesquita Neiva de Melo ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Giselda Brito

RECIFE – PE

Artigo Científico apresentado como requisito necessário para obtenção de título de Licenciado em História.

Carlos Mesquita Neiva de Melo

Artigo Científico apresentado em __/__/____

Orientadora Prof^a. Dr^a. Giselda Brito Silva

1º Examinador(a) Prof. Dr. Wellington Barbosa da Silva

2º Examinador(a) Prof.(a). Marcília Gama da Silva

3º Examinador(a) Prof.(a). Élcia Torres Bandeira

Agradecimentos

Agradeço a Deus, pois somente através Dele Nos podemos conseguir o sucesso nas nossas buscas e conquistas. A minha Família, pois, só com o apoio e a compreensão de cada um Deles eu pude alocar o meu tempo nos estudos.

A minha Faculdade e a cada uma das pessoas que cuidam e trabalham nela, e que nos nem conhecemos todos Eles, e que a fazem funcionar permitindo que possamos ter um ensino adequado, e a cada um dos meus Professores, pois o empenho e a dedicação de cada um deles fizeram a diferença nos níveis dos meus conhecimentos e na compreensão do mundo e o meu especial agradecimento a minha Professora e Orientadora, Profa. Dra. Giselda Brito, exemplo pessoal e profissional a ser seguido.

Resumo

O presente trabalho visa mostrar como a industrialização têxtil, no estado de Pernambuco, teve seu momento de apogeu e crise em pleno século XX. Para embasar o contexto industrial estudado, iniciamos o trabalho mostrando como ocorreu a industrialização no Brasil nos séculos XIX e XX com ênfase na indústria têxtil, suas dificuldades, suas contradições e sua evolução até chegar ao século passado. A indústria têxtil no estado de Pernambuco também é mostrada de uma forma detalhada, desde quando era uma indústria ainda incipiente, o momento em que se torna o maior parque industrial têxtil do Brasil e em seguida o seu declínio no século XX, quando toda a indústria têxtil na sua amplitude, ou seja, desde o plantio do algodão, a fiação e tecelagem entram em uma crise fatal. Mostramos que o que parecia não mais existir reaparece aos poucos no estado, no último elo deste segmento industrial: a confecção. O surgimento do Polo de Confecção do Agreste que surgiu com um nome tão estranho, Sulanca, que não tem nenhum significado para a indústria de confecções em uma cidade pequena e fora de rota e que rapidamente cresce, se irradia por outras cidades da região do agreste e se torna um dos grandes polos da região Nordeste e do país.

Palavras Chaves: Pernambuco, Indústria Têxtil, Crise e Apogeu.

Abstract

The present work aims to show how textile industrialization, in the state of Pernambuco, had its peak and crisis in the 20th century. To support the studied industrial context, we started the work showing how industrialization occurred in Brazil in the 19th and 20th centuries, with emphasis on the textile industry, its difficulties, its contradictions and its evolution until reaching the last century. The textile industry in the state of Pernambuco is also shown in detail, from when it was an incipient industry, to the moment when it became the largest textile industrial park in Brazil and then to its decline in the 20th century, when the entire industry textile in its entirety, that is, since the planting of cotton, spinning and weaving enter into a fatal crisis. We show that what seemed to no longer exist reappears little by little in the state, in the last link of this industrial segment: clothing. The emergence of the Agreste Clothing Pole, which came up with such a strange name, Sulanca, which has no meaning for the clothing industry in a small, off-the-beaten-path town and which is rapidly growing, spreads to other cities in the Agreste region. and becomes one of the great poles of the Northeast region and the country.

Keywords: Pernambuco, Textile Industry, Crisis and Apogee

Sumário

1 Introdução	14
2 A Industrialização no Brasil (Séculos XIX – XX)	16
3 A Industrialização em Pernambuco (Século Xx): o Surgimento da Indústria Têxtil	25
3.1 O Polo de Confeções do Agreste Pernambucano.....	28
4 A Crise da Empresa Têxtil HL Rodrigues Lima Cia, Fábrica de Tecidos Localizada em Paulista – PE e o Início da Companhia de Tecidos Paulistas e a Família Lundgren.....	31
5 Considerações Finais.....	35
6 Referências Bibliográficas	38

1 Introdução

Este trabalho científico, apresentado como parte dos requisitos parciais da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II) tem por objetivo analisar o crescimento e crise da indústria têxtil no Estado de Pernambuco no século XX, porém inicia a pesquisa mostrando como foi que a indústria surgiu no Brasil entre os anos de 1801 e 2000 dando ênfase nos segmentos têxtil e de alimentos. Como procedimento metodológico para desenvolver o trabalho procuramos fazer revisão bibliográfica do tema, utilizando como aporte teórico e temático uma produção historiográfica da História econômica, que nos dessem dados sobre as origens, crescimento, e crise do setor industrial. Além das referências bibliográficas citadas ao final deste trabalho fizemos leituras bibliográficas e pesquisas em jornais da época a exemplo do Diário de Pernambuco, livros a exemplo do Inovação, Estudos e Pesquisas – Reflexões para o Universo Têxtil e de Confecções, volume II, publicação do SENAI organizado por Sabrá, Flavio entre outros.

A temática do trabalho foi escolhida ao longo do nosso interesse em ampliar o conhecimento sobre as origens e atuação das Fábricas de tecidos da Família Lundgren na cidade de Paulista – Pernambuco. Tais leituras nos levaram a perceber a importância de tratar o tema pela História Econômica, enfocando o setor têxtil num estado muito conhecido pela agroindústria, ainda que tenha em sua história um polo industrial têxtil. De acordo com as leituras observamos que Pernambuco gerou duas grandes riquezas para o Brasil, por coincidência ambas estavam baseadas na agroindústria.

A primeira foi a agroindústria açucareira que gerou grande riqueza e uma elite local que pode ser chamada de nobreza da terra; a segunda foi a indústria têxtil que gerou uma elite industrial em sua maioria e em menor escala uma elite comercial, com a formação de grandes grupos industriais, alguns deles totalmente diversificados e espalhados pelo Brasil até os dias atuais enquanto outros tiveram seus ocasos nos negócios gerando um imenso impacto social e econômico na região, este setor ficou relativamente reduzido no estado. A decadência do setor agroindustrial têxtil em Pernambuco de forma bem ampla, pois como iremos ressaltar ao longo do artigo, este setor é totalmente complementar a agroindústria canavieira e o seu ocaso trouxe consequências sociais, econômicas e políticas extremamente graves para o estado de Pernambuco. Enquanto a cana de açúcar era plantada no litoral e na zona da mata, em terras férteis e úmidas e onde existiam as maiores cidades do estado, era uma cultura que exigia grandes extensões de terras e a sua industrialização ocupava, comparativamente com a indústria têxtil, pequenos contingentes de pessoas e na sua maioria homens.

O algodão era ou podia ser diferente em tudo, necessitava de terras menos férteis e menos úmidas e por isso podia ser plantado no agreste e em algumas regiões do sertão, podia tanto ser plantados em grandes extensões de terras dos latifúndios ou em pequenas propriedades que praticavam a agricultura familiar, e a sua industrialização, principalmente as operações de fiação e tecelagem ocupavam um grande contingente de mulheres.

Desde o final do século XX o IPA – Instituto Agrônomo de Pernambuco e a Secretaria de Agricultura e reforma Agraria do Governo do Estado iniciaram no

município de Surubim – Pernambuco o Programa de Revitalização da Cultura do Algodão, visando reintroduzir a plantação do algodão no estado, através da agricultura familiar, o programa abrange 980 agricultores, em 700 hectares distribuídos em 16 municípios do Agreste Setentrional.

Nossa meta é tentar compreender os fatores que promoveram o crescimento e queda, impactos sociais e políticos deste setor em Pernambuco, entre os anos 1901 e 2000, deixando apenas à indústria têxtil de confecções da zona do agreste (região central e metropolitana de Caruaru e Toritama como únicos representantes deste setor). Abastecidas a princípio com sobras e retalhos das indústrias de confecções de São Paulo e atualmente com tecidos produzidos em outras regiões do país.

2 A Industrialização no Brasil (Séculos XIX – XX)

Entre a primeira indústria artesanal da colônia e a moderna maquinofatura, interpõe-se na evolução econômica do Brasil um grande hiato. Aquela decaiu e praticamente se anulou antes que a outra surgisse. (Prado Junior, 2006, p.54).

Embora esta citação do grande historiador seja ampla, falando de praticamente todos os seguimentos que existiam na economia brasileira da época, ela se aplica com uma absoluta precisão a indústria têxtil. No princípio do Brasil colônia ela era uma indústria cuja finalidade era abastecer de vestimentas a mão de obra escravizada e a produção de sacaria com tecidos grosseiros de baixa qualidade, ela não consegue sobreviver a abertura dos portos ao livre comércio, em 1808 e com uma política de impostos baixos e que beneficiavam a importação. “Aniquilou a rudimentar indústria artesanal que existia na colônia” (Prado Junior, 2006, p.257). Os nossos produtos quando comparados com os importados em qualidade e preços sempre perdiam e vivendo o país em condições sociais igualmente complicada não tiveram, as pequenas oficinas de produção, nenhuma chance de sobreviver, foram simplesmente dizimadas e isto vai impactar negativamente a nossa indústria quando esta voltar a se restabelecer e um dos motivos será a falta de uma mão de obra treinada e produtiva.

O Brasil para se tornar um país industrialmente progressista precisava superar alguns problemas essenciais para o sucesso tais como a falta de fontes de energia, o Brasil é um país pobre em carvão e o advento da energia hidroelétrica ainda não era uma realidade entre nós, as fontes disponíveis de energia eram a lenha e a força motriz do vento ou da água e estas eram insuficientes para abastecer uma indústria de porte. Além disso o país não possuía uma indústria siderúrgica de porte embora fosse proprietário de ricas jazidas de minério de ferro, abundantes e de excelente qualidade. Outro fator limitador para a implementação de uma indústria forte era o tamanho do mercado consumidor que além de disperso era reduzido e somado a tudo isso existia um reduzido nível de renda da população. Nesta época o país possuía em torno de 8.000.000 de habitantes que se espalhavam em uma área superior a 8 milhões de km², majoritariamente ao longo do litoral, com uma pequena rede de comunicação interna, a navegação de cabotagem, com 6.000 km de extensão. Como explica o autor Caio Prado Júnior:

Com tudo isso, todavia, contava a indústria com algumas circunstâncias em seu ativo. ¹

A prática de importar praticamente tudo que se necessitava consumir criou um problema de desequilíbrio da nossa balança comercial, este desequilíbrio gerou uma queda no câmbio que provoca um encarecimento geral dos produtos importados, além disso, a partir de 1844 as tarifas alfandegárias são progressivamente aumentadas, o que além de proteger a indústria local, quando esta existia, gera renda para o governo equilibrar as suas contas. “Outro fator favorável à indústria brasileira será a produção local de uma matéria prima de grande importância para ela: o algodão”. (Prado Junior, 2006, p. 259). Todos estes fatores fazem a indústria maquinofatureira surgir no Brasil e

¹PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. 26ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006. p.258.

os seguimentos que se destacam são os têxteis e os alimentícios. Outro fator de suma importância para o surgimento da indústria brasileira é a mão de obra que embora de péssima qualidade pela falta de experiência era tão barata que compensava as suas deficiências. “O fato de maior relevância ocorrido na economia brasileira no último quartel do século XIX foi, sem dúvidas, o aumento da importância relativa do setor assalariado” (Furtado, 2005, p. 218).

Estas circunstâncias criam as condições para a desenvolvimento de uma indústria, ainda pequena e majoritariamente têxtil, que terá uma atuação local, atendendo pequenos mercados. Porém no último decênio do Império (1880-1889) e do século XIX, a indústria passará por um primeiro e intenso surto de crescimento. O número de estabelecimentos industriais que em 1881 pouco passava de 200 em 1889 já passa de 600 com um capital investido de mais de 25 milhões de libras, sendo que 60% deste valor foi aplicado na indústria têxtil e 15% na indústria de alimentos, como esclarece Caio Prado Junior:

Esta fase de progresso industrial prolongar-se-á na República, correspondendo a febre de iniciativas dos primeiros anos do novo regime.²

Segue um brusco declínio do câmbio, as tarifas alfandegarias crescem constantemente, tudo isto visando a proteção da indústria nacional, no período de 1890 a 1895 são fundadas 425 fabricas.

Porém a partir deste momento se inicia um período de crise, a moeda é valorizada em 1898 barateando os preços dos produtos importados, o governo inicia um programa de saneamento financeiro e passa a cobrar, medida que trará impactos positivos durante muito tempo, em ouro (metal) uma percentagem dos direitos alfandegários, esta medida diminui os efeitos da valorização cambial e passa a ser uma proteção a barreira alfandegaria. Em 1907 se realiza o primeiro censo geral e completo das indústrias brasileiras, o parque industrial é composto neste momento por 3.258 estabelecimentos empregando 150.841 operários. Os estados que mais concentram empresas são o Distrito Federal que junto com o Rio de Janeiro possuem 40% do total, São Paulo com 16% e Rio Grande do Sul com 15%, o restante está pulverizado no resto do país. Neste momento se inicia o crescimento vertiginoso da industrialização no estado de São Paulo e vários são os motivos: fundação da primeira usina elétrica em 1901 com capital canadense, a produção do café se desenvolve cada vez mais e a imigração trará trabalhadores habilitados, neste momento, 1907, as empresas têxteis e alimentícias compreendem a maioria do total.

A primeira grande guerra mundial manterá o impulso industrial, no censo industrial geral realizado após a guerra, em 1930, o país já possuía 13.336 empresas com 275.512, sendo que 5.936 destas empresas foram fundadas no período de 1915/1919. Em relação aos segmentos industriais o censo de 1920 permanece praticamente igual ao censo de 1907 tanto em relação a dispersão quanto em relação a distribuição da produção, a grande diferença é que a indústria de alimentos passa a ocupar a primeira posição com 40,2% do total das empresas e o motivo é o surgimento de um grande mercado consumidor de carne congelada. Os dois grandes centros exportadores são os estados de

²PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. 26ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006. p. 260.

São Paulo e o Rio Grande do Sul que passam de uma produção praticamente igual a zero antes da guerra para uma produção de 60,509 toneladas anuais em 1918, como explica Caio Prado Júnior:

Chegada a este ponto de desenvolvimento, a indústria passara já a ocupar um lugar de grande relevo na economia do país. Uma boa parcela dos artigos manufaturados do seu consumo era de produção interna, dispensando assim importações correspondentes de artigos estrangeiros.³

Porém o país passa a ter um problema, a teia de proteção criada para proteger as indústrias, tal como as elevadas taxas alfandegárias cria uma cultura de acomodação no meio empresarial, não existira a concorrência estrangeira e isto cria uma cultura de acomodação no meio empresarial, sendo destacado por Caio Prado Júnior:

Doutro lado, se as tarifas e a depreciação monetária asseguravam a existência da indústria também a oneravam consideravelmente com o encarecimento do material que precisava ser adquirido no exterior.⁴

A dificuldade de se importar máquinas e equipamentos vai, aos poucos, tornando obsoleta as nossas indústrias. Outro grande problema no processo de industrialização é a falta de capital para investir no setor, praticamente só as famílias que enriqueceram com as exportações de café, açúcar e outros produtos agrários ou pessoas que souberam identificar nichos de mercado e à custa de uma vida pessoal e profissional regrada possuem capital para investir no setor, caso das famílias: Matarazzo, Crespi, Jaffet, Pereira Inácio, Lundgren, Tramontina, Bandeira de Melo entre outras. A partir de 1927 a situação econômica no Brasil se estabiliza devido ao aumento nas exportações, principalmente do café. O Brasil também se encontra com um bom estoque de ouro que cresce cada vez mais com as exportações, porém esta estabilidade não gera conforto pois desde 1924 com a redução das emissões de moeda, ocorre uma valorização da nossa moeda e conseqüentemente uma maior importação de manufaturas, o período entre 1924 e 1930 será um período crítico para as indústrias brasileiras e a crise de 1929 só vai piorar esta situação.

Em 1929, com a crise mundial acontecendo, Celso Furtado explica:

A produção que se encontrava em altos níveis teria que seguir crescendo ou pelo menos se estabilizar no nível alto, pois as produtoras haviam continuado a expandir a produção até aquele momento.⁵

O país possui condições de equilibrar a equação: alta produção x baixo consumo no exterior x baixa exportação x falta de crédito para financiar a criação de novos estoques. Toda esta crise mundial, e que no caso do nosso maior produto de exportação, o café, que sofrerá durante toda a década de 30 com baixos níveis de consumo e conseqüentemente de exportação. Um setor que surge no Brasil principalmente a partir

³PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. 26ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006. p. 262.

⁴IBIDEM. p. 263

⁵FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 35ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005. p. 263.

da primeira grande guerra mundial e que se desenvolve e se fortalece com o decorrer do tempo são as empresas subsidiárias de grandes empresas estrangeiras. Estas empresas passam a trabalhar basicamente em duas etapas que seriam: os produtos seriam fabricados no exterior e exportados para o Brasil desmontados no sistema CKD (Completely Knocked Down) e na sequência seriam montados aqui, obtendo ganhos logísticos e comerciais. A General Motors e a Ford Motor instalam em São Paulo suas oficinas de montagem, porém com o passar do tempo algumas partes dos veículos passam a ser fabricados no Brasil. No período de 1919 a 1932 16 estabelecimentos estrangeiros são instalados no Brasil, principalmente nos seguimentos de veículos, farmacêuticos, químicos e de alimentos. Neste período surge outro grupo de empresas, que embora formados totalmente ou em parte por capital nacional só montam produtos cujos componentes são inteiramente importados.

Com o passar do tempo os problemas alfandegários, logísticos e custos de mão de obra entre outros fatores fazem surgir empresas de capital totalmente estrangeiro e que passam a produzir integralmente dentro do país os seus produtos. Porém o que realmente as indústrias estrangeiras fazem de importante pela industrialização do Brasil no período é a criação no país, segundo Caio Prado Júnior:

De uma indústria de base capaz de iniciar aqui mesmo a elaboração da matéria prima e a produção de material semielaborado e mesmo a maquinaria destinadas às diferentes indústrias que trabalham diretamente para o consumo final.⁶

Surge no Brasil a metalurgia do ferro, contra todos os problemas que tínhamos em relação a mineração das ricas jazidas de ferro de boa qualidade: localizadas em locais de difícil acesso, longe dos grandes centros e problemas com a falta de carvão de pedra, surge outro grande problema em 1911 pois grandes grupos financeiros internacional adquirem grandes extensões de terras com ricas jazidas de minério de ferro e embora estes grupos fossem obrigados em contratos a explorar estas jazidas eles só as tinham adquirido para impedir o acesso ao minério por seus concorrentes. Porém surge no período da primeira grande guerra mundial a primeira ação concreta para a exploração e aproveitamento do minério de ferro. Uma empresa fundada em 1888 em Itabirito – Minas Gerais produz em 1915 3.259 toneladas de ferro gusa, em 1921 já produz 15.316 toneladas. Em 1921 se instala em Minas Gerais a primeira grande siderúrgica do país, embora de capital estrangeiro (belga – franco – luxemburguês) na sequência surgem outras de menor porte, todas elas usam como combustível o carvão de lenha produzido na região e o coque importado. A siderurgia inicia seu longo caminho em território nacional, em 1931 a produção total era de 71.000 toneladas divididas em vários produtos: aço, ferro gusa, laminados, sendo a maior parcela de ferro redondo para a construção civil. Porém, mesmo com uma baixa oferta de matéria prima, surgem em São Paulo na sua maioria e em menor escala no Rio de Janeiro empresas que fabricam artigos acabados de ferro e aço. Toda esta cadeia vai gerar sucata e está será utilizada na nascente indústria metalúrgica que cresce rapidamente em quantidade e variedade e que vai produzir de pregos a ferramentas, na sequência vão produzir até teares e geradores elétricos.

⁶ PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. 26ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006. p. 268.

O Brasil ao final deste período já começará a “ser visto” pelo segmento industrial mundial como uma nação com um rápido progresso industrial e o destacado papel que as atividades manufatureiras já ocupam na economia nacional, de acordo com Caio Prado Júnior:

Se de um lado se apresenta como um grande passo no sentido da transformação de nossa estrutura econômica - e sob este aspecto se revela um poderoso fator de destruição do velho sistema colonial, doutro lado ainda se insere neste sistema, alimentando-se de suas contradições e assim lhe sofre as contingências.⁷

Para o país era um problema que as empresas interessadas no desenvolvimento industrial no Brasil fossem em sua quase totalidade empresas multinacionais que se preocupavam tão somente com seus lucros e interesses sem possuírem um real interesse pelo progresso da nação; o que principalmente os Ingleses fizeram no Brasil ainda Império, manipulando a política e a economia em prol de seus interesses, agora tínhamos além deles várias outras nações que tentaram e conseguiram fazer a mesma coisa. Um exemplo disso é o que acontece com o algodão que a partir de 1934 se torna um dos grandes produtos de exportação do país, que passa a ser um dos grandes produtores mundiais, o país que já tinha tido uma boa participação neste mercado e que se ver praticamente sem relevância, sendo resumido abaixo por Caio Prado Júnior:

Excluído dos mercados internacionais mantendo apenas uma pequena produção para o consumo da modesta indústria têxtil indígena.⁸

O conflito entre dois blocos, sendo que o primeiro era formado pelos EUA e Inglaterra, que são grandes consumidores e que detém o monopólio da produção na época e o segundo formado por Alemanha e Japão que são grandes consumidores, porém não são produtores. A criação de tarifas protecionistas pelos ingleses e o constante aumento dos preços da matéria prima por parte dos americanos alerta os dois países que passam a procurar novos fornecedores, a Itália que na época se encontrava em condições semelhantes a Alemanha e a Itália se une a este grupo.

O país escolhido para ocupar a posição de grande fornecedor independente é o Brasil, que possui vasta áreas de terras prontas para serem plantadas e que são oriundas de plantações de café, a mão de obra abundante e barata e recursos técnicos, com tudo isso disponível foi possível tornar o país uma potência no fornecimento do algodão, como explica Caio Prado Júnior:

Este surto de produção algodoeira no Brasil será em parte apreciável de iniciativa japonesa. O império oriental contara para isto com a imigração de seus súditos para o Brasil que, embora já encetada desde longa data (1908), toma impulso depois de 1930, sendo então ativamente estimulada e oficialmente amparada.⁹

A exportação do decênio 1924-1933 fora de 18.794 toneladas e nunca desde 1874, ela alcançara 50.000 toneladas, não se aproximando mesmo desse volume senão

⁷ PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. 26ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006. p.323.

⁸ IBIDEM. p. 276.

⁹ IBIDEM. p. 276.

excepcionalmente. De 1934 em diante a progressão será a seguinte, de acordo com Caio Prado Júnior:

1934: 126.540 ton.

1935: 138.630 ton.

1936: 200.313 ton.

1937: 236.181 ton.

1938: 268.719 ton.

1939: 323.519 ton.¹⁰

O governo japonês cria um sistema de controle destes imigrantes, fornecendo inclusive amparo técnico, crédito, facilidades comerciais. A Alemanha não atuará desta forma, porém se tornará o maior comprador do algodão brasileiro chegando a comprar em 1935 quase 60% da produção total. Os americanos não se envolvem na produção, porém passam a atuar fortemente na indústria do preparo e acondicionamento do produto (descaroçamento e enfardamento), este avanço do algodão beneficia todo o país inclusive o Nordeste principalmente os estados de Pernambuco e Paraíba. Esta situação demonstra como o Brasil era manipulado pelos interesses externos e mais na frente vamos descrever as consequências.

Porém mesmo assim temos coisas boas acontecendo, o período compreendido entre 1920 e 1957 estão assinalados por uma redução substancial da importância relativa da preocupação externa como fator determinante do nível de venda. Com efeito, enquanto o produto real aumenta ao redor de trezentos por cento, isto é, quadruplicara, o quantum das exportações cresce apenas oitenta por cento.¹¹

Explica Celso Furtado acima, ou seja, finalmente o Brasil passa a ter uma população com capacidade de consumo compatível com o crescimento industrial. Porém neste período já se pode observar claramente a concentração das indústrias em áreas determinadas, tal como: São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais entre outros, esta concentração da produção industrial não é uma característica somente da indústria brasileira, aconteceu também nos EUA, Alemanha, Inglaterra, Itália entre outros. O processo de industrialização começou no Brasil em quase todas as regiões porém por motivos diversos rapidamente se concentra somente em parte dele.

Foi no Nordeste que se instalaram, após a reforma tarifaria de 1844, as primeiras manufaturas têxteis modernas e ainda em 1910 o número de operários têxteis dessa região se assemelhava aos de São Paulo, como afirma Celso Furtado em seu livro:

Entretanto, superada a primeira etapa de ensaios, o processo de industrialização tendeu naturalmente a concentrasse numa região.¹²

¹⁰ PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. 26ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006. p.276

¹¹ FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 35ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005. p. 326.

¹² IBIDEM. p.330.

Esta concentração gera uma disparidade na renda per capita das regiões causando sérios problemas sociais e é de difícil solução, como podemos ver até hoje e deve ser uma preocupação constante para os governos.

Um pouco antes do início da segunda grande guerra mundial o país já caminhava para uma economia onde as importações iriam declinar de forma constante nos itens que podiam ser produzidos aqui inclusive nos itens críticos, cuja solução envolvia mais recursos ou tecnologia ao até disponibilidade de produtos a serem beneficiados, tais como petróleo ou trigo, como destaca Caio Prado Júnior:

A indústria nacional veio progressivamente substituindo com seus produtos a importação de quase tudo o que se diz respeito a bens de consumo, inclusive, depois da segunda guerra mundial, os bens duráveis e parte já significativa dos bens de produção.¹³

Porém com o eclodir da guerra, o Brasil passa a enfrentar alguns problemas para exportar os seus produtos, no caso do algodão as exportações para os nossos maiores clientes, os países do eixo, se encerram abruptamente que se encontrem compradores substitutos, de acordo com Caio Prado Júnior:

O fechamento destes mercados reduziu consideravelmente as vendas, cujas média anual, de 1940 a 1945 não alcançara 170 mil toneladas. Crescera nos três anos subsequentes (período de reposição dos estoques dissipados no conflito, mantendo uma média anual de quase 300 mil, para se conservar em seguida, salvo raros anos excepcionais, abaixo de 150 mil, e depois de 1956 abaixo dos 100 mil.¹⁴

O Brasil passa a praticamente não ter produtos exportáveis. O café passa por uma crise sem fim, produzindo muito mais do que é consumido e esta diferença teve de ser destruída gerando um imenso prejuízo, além disso passa a sofrer concorrência com o café de outros países produtores, a exemplo da Colômbia, porém nada se compara ao que aconteceu com a produção da borracha onde o país passa de exportador para importador do produto. A crise que o país enfrenta é tão seria que até o capital estrangeiro investido aqui passa a não ter mais garantia de retorno visto que os lucros com os seus investimentos não mais podiam ser repatriados por absoluta falta de cobertura cambial, como elucida Caio Prado Júnior:

São todas estas circunstâncias que levarão a economia brasileira para novos rumos, que são os únicos que lhe sobriam para sair das contradições profundas em que se embrenhara. Isto é, refazer-se sobre outras bases, deixar de ser um simples fornecedor do comercio e dos mercados internacionais e tornar-se efetivamente o que deve ser uma economia nacional, a saber, um sistema organizado de produção e distribuição dos recursos do país para a satisfação das necessidades de sua população.¹⁵

¹³ PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. 26ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006. p.290.

¹⁴ IBIDEM. p. 293.

¹⁵ IBIDEM. p.298.

Este novo rumo é buscado, porém de uma forma lenta, com interesses contraditórios e até oportunistas. O nosso crescimento industrial se deu de uma forma desordenada e a sua correção também estava sendo feita de uma forma desordenada. Um exemplo são as dificuldades criadas pelo governo para se importar máquinas e equipamentos modernos pela indústria e as estatísticas oficiais que mostram que em São Paulo, o principal centro industrial do país, em 1939, das 324.689 máquinas em funcionamento somente 36.610 tinham menos de cinco anos de uso, 45.919 tinham entre cinco e dez anos, 130.811 tinham mais de 10 anos e 111.349 tinham idade desconhecida.¹⁶

A guerra vai desequilibrar totalmente a logística e as relações comerciais entre países com sérios impactos e conseqüentemente graves danos a produção e ao consumo e isto vai trazer resultados conflitantes para o país; os EUA se tornam importadores de tecidos do Brasil, porém isto é uma situação temporária sem nenhuma sustentação, como Caio Prado Júnior mostra:

Em 1943 os principais itens de exportação são o café e os tecidos, ou seja, a nossa produção para exportação não tem nenhuma base sólida, “a economia brasileira encontrava assim, graças as circunstâncias excepcionais da guerra, um novo equilíbrio provisório.”¹⁷

Já que não consegue exportar o governo passa a controlar rigorosamente as importações e faz isto através de leis e normas pouco claras e contraditórias. Em 1950 o Brasil obtém um excelente saldo na balança comercial, porém a comemoração só deve ser parcial pois ele foi resultado de situações momentâneas e que não devem se repetir, como a guerra da Coreia, neste momento (31/01/1951) toma posse o novo presidente da República, Getúlio Vargas, que aproveita o momento e lança um programa de formatação e incentivo industrial, que mais uma vez é mal planejado e mal executado só favorecendo os interesses privados de alguns, como é explicado por Caio Prado Júnior:

Da experiência dos anos 1951/52 ficou sobretudo a lição, infelizmente não bem assimilada, de que o desenvolvimento industrial do país exige muito mais profundas e de natureza muito mais geral do que simples providências fundadas em circunstâncias excepcionais.¹⁸

E assim continua o país a ser governado com políticas industriais erradas em alguns casos até criminosas pois vão de encontro aos interesses do povo e da nação. Porém embora com todos estes erros, que vão desde a desvalorização acentuada da moeda até a falta de uma política que gere fluxo de capital estrangeiro obriga o país a produzir tudo o que precisa e isto gera um incremento no volume físico produzido da ordem de 400% entre 1947 e 1961. Além disso ocorre uma melhoria na produção de itens quase ausentes da nossa produção industrial, tais como: maquinaria, motores, material elétrico e equipamentos industriais em geral e também de bens duráveis como os automóveis cuja produção subiu em 1962 a 191.104 unidades.

¹⁶ PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. 26ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006. p.263.

¹⁷ IBIDEM. p.304.

¹⁸ IBIDEM. p.309.

Um grande partícipe deste crescimento industrial foi o setor estatal que passa a assumir riscos que a iniciativa privada não assume, por falta de capital ou de capacidade técnica ou até simplesmente aversão ao risco caso da Companhia Siderúrgica Nacional localizada em Volta Redonda – RJ que marca o desenvolvimento do setor ou a criação, após promulgação da lei nº 2004 de 03 de outubro de 1953 que estabelece a exploração de petróleo como monopólio estatal e cria a empresa Petróleo Brasileiro S/A (Petrobras) em uma grande vitória contra os interesses imperialistas estrangeiro no país. Porém muitas iniciativas do Estado, devido a força das multinacionais, não avançaram ou avançaram muito lentamente, como a Fábrica Nacional de Motores que seria a primeira indústria de veículos pesados do país (até hoje o Brasil, mesmo tendo tentado várias vezes não consegue ter uma indústria brasileira de veículos pesados ou leves, as iniciativas são sempre compradas por multinacionais ou “sabotadas” até o seu fim tendo como exemplo a Gurgel que inclusive fabricou na época veículo movido a eletricidade) ou a Companhia Nacional de Álcalis que foi criada no decorrer da segunda grande guerra como base para uma indústria química e que só teve a primeira fábrica inaugurada em 1960 e mesmo assim sendo somente uma fração do projeto original, além de atuar fortemente na geração de energia elétrica através da construção de usinas hidroelétricas, construção de estradas e na petroquímica. E embora a iniciativa estatal tenha logrado êxito na maioria de suas ações passa a sofrer no decorrer do século XX intensa pressão para dar lugar a iniciativa privada industrial ou não, e na grande maioria das vezes, de capital estrangeiro, os negócios que ela gerou e que seria do interesse da nação que ficasse sob o controle do estado brasileiro vai aos poucos sendo vendidas a empresas, na sua maioria, estrangeiras que passam a controlar setores vitais até para a segurança nacional.

O Brasil termina o século XX com parque industrial significativo e diversificado, com ampla liderança em vários setores, porém com uma presença estrangeira muito forte.

3 A Industrialização em Pernambuco (Século XX): O Surgimento da Indústria Têxtil

Pernambuco sempre teve uma forte vocação industrial, desde a colonização do Brasil o seguimento agroindustrial era composto do açúcar e do algodão, este já era já era citado na apreensão de navios portugueses e flibusteiros que carregavam açúcar, pau brasil e tecidos pernambucanos.¹⁹

A explicação acima dada pela Revista Brasileira de História, mostra que o açúcar que era obtido através do processamento da cana de açúcar e o tecido através do processamento do algodão após um processo que exigia após a colheita do floco o descaroçamento e o enfardo, seguindo para a fiação e na sequência a tecelagem. Além de tudo era um segmento que na sua totalidade parecia ser perfeitamente talhado para o estado de Pernambuco, não precisava de muita água nem de um solo rico, podia ser plantado em grandes áreas ou em pequenas áreas em uma agricultura familiar, era a matéria prima de uma indústria que necessitava de uma intensa mão de obra em uma região que não tinha fartura de emprego, diferentemente da cana de açúcar.

Eram culturas complementares quando plantadas simultaneamente visto que enquanto a cana era plantada no litoral do estado o algodão era plantado no agreste e até em regiões do sertão pois necessita de baixos índices pluviométricos e de acordo com José Ribeiro Júnior:

Eram complementares também no que diz respeito ao tamanho da propriedade pois enquanto a cana de açúcar necessitava de grandes extensões de terras o algodão podia ser plantado em propriedades medias e pequenas.²⁰

Com a eclosão da primeira guerra mundial a procura por tecidos ou até por algodão por parte dos países beligerantes aumentou muito, a exportação de tecidos ou algodão in natura aumentou na mesma proporção, muito, na visão de Bruno Alves de Andrade e de Basques Diniz:

O surgimento da indústria têxtil nordestina ocorreu num cenário onde o cultivo do algodão era parte de um modelo primário exportador, sendo a sua produção voltada basicamente voltada para a exportação.²¹

Particularmente para Pernambuco o autor enumera uma série de fatores que contribuíram para o firmamento desta indústria no estado, segundo Bruno Alves de Andrade e Basques Diniz:

Dentre estes fatores, se destacam, a matéria prima abundante e próxima, o aumento da população e do consumo de tecidos ordinários; a

¹⁹ Revista Brasileira de História, 1981 SEBRAE. **Análise da Eficiência Econômica e da Competitividade da Cadeia Têxtil Brasileira**. 2000. p.235.

²⁰ JUNIOR, José Ribeiro, **A Economia Algodoeira em Pernambuco da Colônia a Independência**. TCC – História – UNESP. p.237.

²¹ ANDRADE, Bruno Alves de; DINIZ, Basques. **Distribuição Espacial da Indústria Têxtil e de Confecções em Pernambuco**: qual a influência dos fatores locais. Dissertação (Mestrado em Economia). Recife, UFPE, 2016. p.14.

consolidação do trabalho livre, o envolvimento dos EUA na guerra de secessão o que prejudicou o cultivo do algodão no sul dos EUA, a revolução industrial e a infraestrutura montada em função da cultura do açúcar e que favorecia a indústria têxtil, devido a utilização de recursos existentes, como por exemplo, a rede ferroviária que permitia o transporte do algodão com fretes mais baratos.²²

As primeiras grandes fabricas de tecidos e fiação surgiram em Pernambuco no ano de 1826, devido ao aumento do mercado, a necessidade de se atender esta demanda, e a abundância da mão de obra barata. A primeira fábrica inaugurada era uma empresa bem verticalizada, ela descaroçava, fiava e tecia o algodão se situava no Bairro da Boa Vista e seu proprietário se chamava Gervásio Pires. O surgimento de outras grandes fabricas bem verticalizadas só ocorreria em 1860, e a causa foi a guerra de secessão americana, quando os americanos deixam de fornecer para os ingleses e estes passam a buscar novos mercados fornecedores, de acordo com Bruno Alves de Andrade e de Basques Diniz:

Surge a segunda industrial têxtil de Pernambuco, situada no Bairro da Madalena e na sequência a Companhia de Fiação e Tecidos de Pernambuco (Fábrica da Torre) localizada no bairro da Torre – Recife, Fábrica de Tecidos Paulista (1891) localizada em Paulista – Pe; Companhia Industrial Pernambucana, (1891) localizada em Camaragibe – PE; além de fabricas localizadas em Goiana e em Apipucos e uma fábrica de malhas na Várzea.²³

Porém este número de empresas têxteis fundadas no final do século XIX vão entrar em pleno funcionamento e vão servir para atender os aliados na primeira guerra mundial. Porém como a importação de máquinas e dispositivos estavam sob restrição o aumento da produção foi conseguido através do uso máximo da capacidade produtiva das máquinas, através do aumento de horas trabalhadas e do uso do maior número de máquinas possível. Esta necessidade de mais tecidos fez com que a Companhia Industrial de Martins de Barros deixasse de ser uma simples empresa de reparos de máquinas para se tornar uma indústria têxtil completa em todas as fases. Estes benéficos aumentos tanto do algodão quanto do tecido vão propiciar maiores lucros a indústria local.

Com o fim da segunda guerra mundial, o comercio mundial inicia o seu retorno à normalidade. Os produtores estrangeiros de tecidos de algodão iniciam um processo de recuperação de suas produções, uma vez que dispunham de inovações tecnológicas que lhes permitiam intensificar a sua oferta e atender, novamente, o mercado mundial.²⁴

Com um parque obsoleto, a indústria têxtil de Pernambuco perde os contratos de exportação, já que não tem preços competitivos nem qualidade similar aos produtos importados. A década de 1950 é de crise na indústria têxtil pernambucana e de todo o parque industrial nordestino. Como a industrialização já estava concentrada no Sudeste

²² ANDRADE, Bruno Alves de; DINIZ, Basques. **Distribuição Espacial da Industria Têxtil e de Confecções em Pernambuco:** qual a influência dos fatores locacionais. Dissertação (Mestrado em Economia). Recife, UFPE, 2016. p.14.

²³ Ibidem. p.15.

²⁴ Ibidem. p.16.

com fabricas mais novas esta crise desarticula e reduz a indústria têxtil nordestina e em especial a pernambucana. E segundo Bruno Alves de Andrade e de Basques Diniz:

“Diminuir as discrepâncias entre as regiões cria em 1959 a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE que passa a apoiar entre outras as indústrias têxteis através de incentivos fiscais e desta forma fortalece o segmento têxtil da região, inclusive o pernambucano, que se moderniza e se fortalece. Assim, ao longo da década de 1960 a indústria têxtil pernambucana se fortaleceu e se tornou a segunda maior produtora do Brasil” (Apolinário, 2000 apud Andrade, Bruno, 2016, p. 16).²⁵

E é enfatizado por José Batista de Lira Neto:

Aí surge uma situação de calamidade neste segmento, em julho de 1983 surge na cidade de Ingá na Paraíba os primeiros focos de uma praga denominada bicudo. “No Brasil, o bicudo é encontrado primeiramente em fevereiro de 1983 em Campinas –São Paulo e em julho isso chega ao Nordeste, sendo detectado em inicialmente no município de Ingá- PB.”²⁶

A produção de algodão passa a ser ínfima em relação a época anterior ao bicudo, de acordo com Bruno Alves de Andrade e de Basques Diniz:

Na década de 1990, com a crise econômica, a abertura comercial e a estabilização da moeda brasileira, o setor têxtil teve de empreender um esforço de modernização para melhorar a sua competitividade e enfrentar a concorrência dos artigos importados. Cabe salientar que a crise desta década atingiu toda a cadeia têxtil, promovendo queda na produção, paralisação dos investimentos, desativação parcial e até falências de algumas empresas. Neste período, muitas pequenas e médias empresas do setor não resistiram à concorrência dos produtos importados e finalizaram suas atividades.²⁷

Em 1992 o Governo Federal concede isenção fiscal para a importação de máquinas e equipamentos, com algumas empresas se preparando para voltarem a exportar.²⁸

Visto que não se criou um sistema de proteção para elas, a importação de produtos estrangeiros, principalmente oriundos da China sufocou esta iniciativa com produtos mais baratos e de melhor qualidade que o nacional, como afirma Bruno Alves de Andrade e de

²⁵ ANDRADE, Bruno Alves de; DINIZ, Basques. **Distribuição Espacial da Indústria Têxtil e de Confeções em Pernambuco**: qual a influência dos fatores locais. Dissertação (Mestrado em Economia). Recife, UFPE, 2016. p.16.

²⁶ NETO, Jose Batista de Lira, **O Bicudo em Ingá-PB: A História da Chegada da Praga do Bicudo no Nordeste brasileiro**. Dissertação (Especialização em História Local), Campina Grande, UEPB, 2020. p.4.

²⁷ ANDRADE, Bruno Alves de; DINIZ, Basques. **Distribuição Espacial da Indústria Têxtil e de Confeções em Pernambuco**: qual a influência dos fatores locais. Dissertação (Mestrado em Economia). Recife, UFPE, 2016. p.19.

²⁸ Ibidem. p.20

Basques Diniz: “Pernambuco deixa de ser a locomotiva têxtil do Nordeste e se transforma, em importância, a ocupar a sexta produção têxtil da região”. (Andrade, Bruno, 2016, p.20).²⁹

Outro fator para o declínio e até extinção da cultura do algodão no Nordeste brasileiro e em especial no estado de Pernambuco, de acordo com o Instituto Euvaldo Lodi-SEBRAE nacional é:

Irreversível tendência de expansão do algodão em direção ao centro-oeste, onde encontra relevo e condições de desenvolvimento do sistema mecanizado, de elevados rendimentos por hectare e que confere eficiência e competitividade, e que já é utilizado nos principais países produtores e fornecedores mundiais. Ao lado da mecanização, os produtores do centro-oeste estão investindo na melhoria da qualidade da fibra.³⁰

3.1 O Polo de Confeccões do Agreste Pernambucano

Um exemplo vitorioso que ocorre em Pernambuco dentro da cadeia produtiva têxtil e de confeccões é o que vem acontecendo no Polo de Confeccões do Agreste que compreende atualmente as cidades de Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe. Segundo os autores:

Dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) no período de 2006 a 2010 a região Metropolitana do Recife manteve, em média 24,87% dos estabelecimentos formais, e 34,15 dos empregos formais gerados pelas indústrias têxteis e de confeccões em Pernambuco. Já o agreste pernambucano, no mesmo período de análise, concentrou em torno de 59,42% dos empregos formais, e 69,35% dos estabelecimentos formais dessas mesmas indústrias no estado. Destaca-se, ainda, que mais da metade dos estabelecimentos dessas duas indústrias no agreste pernambucano, aproximadamente 82,39%, esteve sediada em apenas três municípios: Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe.³¹

Quanto à indústria de confeccões em Pernambuco, a mesma tem suas origens vinculadas ao agreste pernambucano, nas décadas de 1950 e 1960, mais especificamente no município de Santa Cruz do Capibaribe, tendo como matéria-prima, num primeiro movimento, os retalhos trazidos das fabricas têxteis do Recife. Posteriormente, houve as migrações dos retirantes da região de Santa Cruz de Capibaribe e entorno do Agreste pernambucano, e o estabelecimento da rede comercial com São Paulo para o aproveitamento dos retalhos provenientes das fabricas têxteis daquele centro industrial, os quais se adicionariam aos resíduos das fabricas do Recife, como matéria-prima para as costureiras confeccionarem produtos populares, que passaram a integrar o circuito das feiras livres percorridas pelos vendedores itinerantes.³²

²⁹ ANDRADE, Bruno Alves de; DINIZ, Basques. **Distribuição Espacial da Indústria Têxtil e de Confeccões em Pernambuco**: qual a influência dos fatores locais. Dissertação (Mestrado em Economia). Recife, UFPE, 2016. p.20.

³⁰ Instituto Euvaldo Lodi-SEBRAE nacional, **Confederação Nacional da Agricultura**. 2000, p.59

³¹ IBIDEM, p.14.

³² ANDRADE, Bruno Alves de; DINIZ, Basques. **Distribuição Espacial da Indústria Têxtil e de Confeccões em Pernambuco**: qual a influência dos fatores locais. Dissertação (Mestrado em Economia). Recife, UFPE, 2016. p.14.

Após uma primeira fase da atividade de produção da sulanca, marcada por um caráter predominantemente semi-artesanal e baseada no uso dos retalhos como matéria-prima principal, se estabeleceu, no final dos anos 1960, um primeiro impulso de modernização e de expansão produtiva e comercial. O elemento demarcador deste novo momento teria sido a incorporação de uma quantidade significativa de máquinas industriais de baixa rotação no processo produtivo, em substituição as máquinas manuais e elétricas domésticas, financiadas pela agência do Banco do Brasil de Santa Cruz do Capibaribe.³³

Com o impulso dado a produção decorrente do investimento em máquinas industriais, os comerciantes locais de confecções resolveram encontrar outros espaços para escoar as mercadorias, além das feiras. Inicia-se, com isso, a instalação, no Agreste, dos primeiros atacadistas, fornecedores de tecidos e aviamentos para a atividade confeccionista em expansão. A qualidade dos produtos começa a melhorar e consumidores de faixa de renda maiores passam a ser mirados. Surge a necessidade de ampliar a contratação de trabalhadores, seja diretamente, na forma de assalariados, seja indiretamente, sob diversas formas de subcontratação”.³⁴

Cada vez mais consolidadas, nos anos 1990, às atividades produtivas e comerciais confeccionistas passam a se associar, crescentemente, a atividades de serviços diverso, referidos a design, a consultoria em técnicas produtivas, em gestão e em marketing, a eventos do segmento da moda, em âmbito regional, nacional a até internacional, à qualificação profissional, ao financiamento e à gestão pública dos territórios envolvidos (municipal e estadual). Surgem as primeiras marcas próprias.³⁵

Assim, a partir do ano 2000, com a existência de esforços de regulação, formalização e reestruturação das atividades dos feirantes do Agreste pernambucano, a região passa a ser denominada de Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco, numa estratégia de marketing dirigida pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), no intuito de tentar desvencilhar a associação do termo sulanca a produto de baixa qualidade.³⁶

Ademais, o estado de Pernambuco é um dos mais importantes do Nordeste na produção de peças do vestuário. Em 2013, por exemplo, Pernambuco foi o segundo estado do Nordeste que mais contribuiu com a receita líquida de vendas (17,05%), valor bruto da produção industrial (17,09%) e valor da transformação industrial (18,80%) relativos a confecção de artigos de vestuário e acessórios da região, perdendo apenas para o estado do Ceará, o qual participou com 46,55%, 45,69% e 43,46% respectivamente.³⁷

³³ Ibidem. P.14.

³⁴ Ibidem.

³⁵ Ibidem. P.14.

³⁶ Ibidem. P.15.

³⁷ ANDRADE, Bruno Alves de; DINIZ, Basques. **Distribuição Espacial da Indústria Têxtil e de Confecções em Pernambuco**: qual a influência dos fatores locais. Dissertação (Mestrado em Economia). Recife, UFPE, 2016. p.15.

4 A Crise da Empresa Têxtil HL Rodrigues Lima e Cia, Fábrica de Tecidos Localizada em Paulista – PE: o Início da Companhia de Tecidos Paulistas e a Família Lundgren

Devido aos interesses do Império em incentivar a imigração de colonos europeus para o Brasil, em meados do século XIX, chegam ao país um contingente de pessoas, a maioria se instala no estado de São Paulo, porém um pequeno contingente destas pessoas se fixa no Nordeste do país, principalmente em Pernambuco e na Paraíba, eles vinham em busca de oportunidades que não tinham nas suas terras de origem.

No início do segundo reinado, por volta de 1855, desembarca na cidade do Rio de Janeiro o jovem Herman Theodor Lundgren proveniente da Suécia, junto com ele vem um dinamarquês de nome Olsen. Optam por não fixar residência na cidade do Rio de Janeiro e partem para conhecer outras regiões do país. Conhecem a Bahia e em seguida viajam para Pernambuco onde o jovem Herman, então com 18 anos, resolve fixar residência, apaixonado pela beleza da cidade e vendo a existência de inúmeras oportunidades de negócios. Como explica Karla Lundgren:

O seu amigo Olsen fica um pequeno período no Recife, porém se muda para Fortaleza onde fixa residência onde instala a primeira casa fotográfica da região. Herman falava vários idiomas além do sueco e logo aprende o português. Depois de sua chegada ao Recife percebeu que faltava um empreendimento que facilitasse a ligação dos muitos navios que chegavam ao porto da cidade com os comerciantes locais, então montou um escritório de corretagem de navios.³⁸

Em pouco tempo devido a sua fluência em vários idiomas e a sua visão comercial, passa a servir de intermediário entre os estrangeiros residentes na região com atividades comerciais e industriais, com os comerciantes e industriais locais e com os navios que aportavam aqui.

Com o dinheiro ganho no empreendimento de corretagem Herman Lundgren funda em 1861 uma das primeiras fabricas de pólvora do Brasil, ela se localizava no município do Cabo, no distrito de Ponte dos Carvalhos e que por ser uma região inabitada na época se prestava a este tipo de indústria de alto risco, além do mais a estrada de ferro da Great-Western of Brazil passava próxima ao terreno da empresa e passou a escoar a produção de pólvora industrial, que segundo a pesquisa de Herman tinha grande procura tanto para exportação quanto para o mercado interno. Um dos grandes clientes da empresa foi o exército brasileiro durante a guerra do Paraguai.

Em 1870 Herman Lundgren se naturaliza brasileiro, em 1876 casa-se com a dinamarquesa residente em Recife, Sra. Ana Elizabeth Stolzenwald que trabalhava como professora de idiomas para crianças de famílias ricas da cidade. Eles têm cinco filhos:

³⁸ O Legado de Herman Lundgren

www://embuscadopassadoperdido.blogspot.com/search?q=Fam%C3%ADlia+Lundgren&m=1 resp.: Karla Ludgren; orientador: Prof. Dr. Roberto Minadeo, 2013.

Herman Lundgren Júnior, Frederico João, Guilherme Alberto, Arthur Herman e Ana Louise. De acordo com Karla Lundgren:

A indústria de pólvora prospera com marca Elefante e seu filho mais velho ao retornar da Europa onde fora estudar é encarregado de instalar depósitos e designar agentes em todo o Brasil, e os estados escolhidos foram: Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Ceara, Maranhão, Pará e Amazonas. Para o transporte da pólvora Elefante e suprimentos dos diversos depósitos em todo o país, Herman Lundgren adquiriu uma frota de veleiros, pois os navios nacionais não aceitavam a pólvora como carga.³⁹

Herman Lundgren tinha, entretanto, outros interesses, e estudando as obras dos naturalistas europeus sobre as variedades do novo mundo descobre a carnaúba e passa a exportar a sua cera para a Europa no final do século XIX, ela tinha diversas utilidades e em 1914 se exporta 3.316 toneladas, chegando em 1957 a 11.976 toneladas (fonte: Boletim do Serviço de Estatística Econômica e Financeira do Ministério da Fazenda). Em parceria com o futuro e brilhante industrial Delmiro Gouveia que atuava na sociedade como comprador, passou a exportar peles de diversos animais, assim como a de cabras.

Nesta época o Brasil era um grande importador de sal, que era importado de Cádiz e Cabo Verde, visto que o sal nacional era considerado de baixa qualidade, contra todas as expectativas Herman envia para amostras do sal de Macau e Areia Branca ambas cidades do Rio Grande do Norte para ser analisado em Londres por técnicos especializados e estes atestam a boa qualidade e pureza do sal do Nordeste, em seguida ele procura empresários potiguares para iniciar a exploração do sal na região, e em seguida faz contato com grandes produtores de carne do Rio Grande do Sul e mostra as vantagens da produção nacional e aí passa a intermediar as vendas no Brasil, que passa a não mais importar sal do exterior. É destacado por Karla Lundgren, no seu Blog:

No período de 1900 a indústria têxtil em Pernambuco utilizava métodos rudimentares e máquinas antiquadas, Herman Lundgren juntamente com os seus filhos homens se voltam para este segmento industrial e no período de 1900 a 1904 passam a comprar ações da Companhia de Fiação e Tecidos de Goiana, os acionistas majoritários não aprovam as aquisições, os Ludgren então vendem as ações compradas e passam a procurar outra oportunidade. Logo em seguida ficam sabendo da precária situação financeira da Fábrica Paulista, no município de Olinda e entrou em entendimento visando adquirir as ações da empresa que na época era controlada por Rodrigues Lima e Cia. Assim surgiu o caminho para progredir na indústria têxtil.⁴⁰

Distante 30 km do Recife, Paulista que tinha herdado este nome por causa do engenho que pertencera a um paulista que tinha vindo para Pernambuco lutar contra o Quilombo dos Palmares. A cidade de Paulista, construída ao longo do século pela Companhia de Tecidos Paulista ao redor de suas duas plantas fabris de fiação, tecelagem,

³⁹O Legado de Herman Lundgren

www://embuscadopassadoperdido.blogspot.com/search?q=Fam%C3%ADlia+Lundgren&m=1 resp.: Karla Ludgren; orientador: Prof. Dr. Roberto Minadeo, 2013.

⁴⁰ IBIDEM.

estamparia e trabalhos conexos, foi criada em terras deste antigo engenho e carecia de uma infraestrutura adequada para o porte que estava passando a ter diante de um rápido crescimento. Como uma das principais fabricas têxteis das décadas de 30,40 e 50 e a maior delas no imediato pós-guerra com seus 10 a 15 mil operários registrados e com entre 5 a 8 mil trabalhadores não registrados ou trabalhadores extra fabris, construiu nos anos 50 uma vila operaria com 6.000 casas de alvenaria e telhas de barro e que atualmente formam a parte central e alguns bairros mais próximos da cidade. A Companhia de Tecidos Paulista desde o seu início investe fortemente em máquinas e equipamentos modernos, como no perímetro próximo não existe mão de obra em número suficiente para suprir as suas necessidades de mão de obra passa a buscar funcionários nas cidades circunvizinhas.

Em 1908 é fundada no Recife as Lojas Paulistas que vendiam os tecidos produzidos pela Companhia de Tecidos Paulista e em 1916 funda em São Paulo a primeira Loja Pernambucana e na década de 70 os nomes vão ser unificados como Casas Pernambucanas que passam a atender todo o Brasil e diversifica o seu mix de produtos. Fora estes negócios, em 1905/6 Herman Lundgren adquire uma usina de açúcar, a usina Timbó que funciona até a sua morte quando é desmontada e vendida.

Herman Lundgren era um empresário com larga visão empreendedora, que também se estendia ao social, após a seca de 1877 ele na busca por uma solução, pelo menos paliativa para o problema passa a se interessar pelo cultivo de uma palma que entre outras coisas tem a capacidade de acumular água, entra em contato com o botânico norte americano Burbanks e importa dos EUA mudas deste cacto. Ele passa a metodizar o cultivo desta planta tanto no litoral quanto no agreste e até hoje ela é a base da alimentação dos rebanhos, principalmente nos períodos da seca, porém em período de chuva normal também é usada. Aos 72 anos de idade, em fev/1907, falece Herman Lundgren de Insuficiência cardíaca, o seu herdeiro é, na fábrica de pólvora o seu filho Arthur Lundgren e na Companhia de Tecidos Paulista e nos outros negócios o seu outro filho Frederico João Lundgren. E de acordo com Karla Lundgren:

Já na gestão dos filhos são construídas as fabricas de tecido Rio Tinto (1918) em uma região rural do município de Mamanguape - Paraíba, chamada de Rio Tinto e que termina por se transformar em município e a Companhia Têxtil Santa Elizabeth (1955) em Belo Horizonte – Minas Gerais. Está formado o maior grupo têxtil do país. Com a descoberta de fosfato em terras da Companhia de Tecidos Paulista Arthur Lundgren inaugura uma fábrica de fosfato e fertilizantes sendo uma das primeiras implantadas no Nordeste.⁴¹

O grupo Lundgren que foi pioneiro em tantos segmentos devido a visão do seu fundador Herman Lundgren com profundos impactos na vida econômica e social de milhares de pessoas, participando ativamente do desenvolvimento do Nordeste e do Brasil, e estas ações pouco são conhecidas do grande público passa a enfrentar problemas devido a questão de herança, além de problemas com a crise do algodão e a praga do bicudo, até que no ano 2000 o seu segmento mais rentável é o comercial representado

⁴¹ O Legado de Herman Lundgren

[www://embuscadopassadoperdido.blogspot.com/search?q=Fam%C3%ADlia+Lundgren&m=1](http://embuscadopassadoperdido.blogspot.com/search?q=Fam%C3%ADlia+Lundgren&m=1) resp.: Karla Ludgren; orientador: Prof. Dr. Roberto Minadeo, 2013.

pelas Casas pernambucas e pela fábrica de pólvora marca elefante que termina desativada em seguida, além de um fabuloso patrimônio imobiliário.

5 Considerações Finais

Conforme vimos destacando, o Brasil, diferentemente do que ocorreu com outros países que tiveram uma trajetória histórica parecida com a dele, chegou ao século XX apresentando muito mais pontos positivos do que pontos negativos em relação ao seu desenvolvimento industrial, o país nestes dois últimos séculos obteve avanços tecnológicos significativos. Ele conseguiu desenvolver praticamente todos os seguimentos industriais de uso pacífico embora tenha também uma importante indústria militar, sendo que em alguns casos o seu desenvolvimento é superior ao de outras nações que são mais ricas e que tiveram uma história industrial muito mais antiga e com menos percalços que os enfrentados por nós. O instituto Euvaldo Lodi – Sebrae diz que na indústria têxtil:

Convém destacar nesta parte do trabalho que no segmento de tecelagem, o Brasil detém vantagem competitiva na fabricação de tecidos pesados, compostos dos tecidos índigo/denim, que são de larga utilização em caças, jaquetas, camisas tanto para o segmento masculino como feminino com destaque para a utilização de uniformes profissional. Nesta produção o Brasil se destaca como um dos maiores produtores mundiais (atualmente responde por algo torno de 10 a 15% da produção mundial) e um dos maiores mercados consumidores.⁴²

A maior parte das fabricas produtoras estão localizadas no Nordeste, porém não em Pernambuco, o estado do Ceara concentra um número muito maior de fabricas. Em relação ao desenvolvimento da agropecuária, o país pode ser considerado o grande celeiro do mundo: café, arroz, feijão, soja, algodão, cacau, milho, trigo (em franco desenvolvimento), açúcar e tantos outros exemplos sem poder deixar de citar que somos os maiores produtores de proteína animal do mundo.

Em relação a integridade territorial é praticamente impossível citar uma colônia que tenha se transformado em nação de uma forma pacífica, que não tenha ocorrido perda territorial ou pelo menos movimentos separatistas. Porém as desigualdades regionais são grandes e chocam pela amplitude, algumas áreas vitais para que o país se desenvolva de uma forma equilibrada e constante ainda carecem de medidas inteligentes e racionais, porém estas, muitas vezes não são as mais fáceis.

Um exemplo de uma situação assim foi o que ocorreu com o algodão no Nordeste, o algodão é uma planta que se presta, e muito, para ser cultivada nesta região e vários são os motivos, não necessita de muita água, pode ser cultivada de forma rentável em pequenas e medias propriedades, não necessita de solos ricos em nutrientes além do mais é uma planta propicia para o que poderíamos chamar de agricultura familiar.

O mercado consumidor não foi bem dimensionado gerando um excesso de oferta com conseqüente queda nos preços, surgiu o bicudo que é uma praga perigosa e que dizimou a cultura do algodão não só no Nordeste, e por isso ele deixa de ser produzido

⁴² O Novo caminho do algodão -Instituto Euvaldo Lodi-SEBRAE nacional, **Confederação Nacional da Agricultura**, 2000. p.106.

aqui, e com isso a EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, uma empresa de ponta conceituada no Brasil e no mundo desenvolveu sementes de algodão próprias para o centro oeste brasileiro, no caso o Mato Grosso, deixando o Nordeste com uma opção a menos de geração de trabalho e renda que esta cultura proporcionaria, além de um segmento industrial que cresceria junto com ela na região. O governo através da EMBRAPA em conjunto com os empresários preferiu levar a cultura para uma região cujo ecossistema atualmente está sob ameaças maiores que o nosso e enquanto no Nordeste o algodão é uma cultura complementar a cana de açúcar no centro oeste não existe esta complementariedade, porém foi a decisão mais fácil. Diferente da tomada na Bahia quando surgiu uma praga chamada vassoura de bruxa que dizimou a cultura do cacau, neste caso o governo e os empresários trabalharam para erradicar a praga mantendo a cultura no mesmo na mesma região.

Se a história do algodão no Nordeste brasileiro não tivesse tido vilões como a SANBRA – Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro, multinacional americana, as medidas fitossanitárias adequadas tivessem sido tomadas, se o mesmo tratamento dado ao café no Sudeste do país tivesse sido dado aqui ao algodão, talvez o ouro branco ainda estivesse aqui na região diminuindo as desigualdades, incentivando a indústria têxtil da região, gerando riqueza e empregos. Porém se a indústria têxtil entrou em crise no estado de Pernambuco a indústria de confecções, a partir de 1950/60 surgiu com uma força muito grande, principalmente no Agreste do estado, na região das cidades de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama. Ao observar o que alguns autores destacam:

O crescimento do número de estabelecimentos formais em Pernambuco, da indústria têxtil e de confecções podem constatar um crescimento significativo no período de 2008 a 2014. Em 2008 existiam 1956 estabelecimentos formais que passa para 3042 em 2014, o que consistiu numa variação positiva de 55,52%, a qual superou, inclusive, as variações medidas para o Nordeste e para o Brasil que foram no mesmo período, de 30,64% e 16,34%, respectivamente. Ademais, no período citado, Pernambuco reteve, em média, 25,97% e 3,71% das firmas formais do segmento têxtil-confecção do Nordeste e do Brasil respectivamente.⁴³

Hoje o Polo de confecções do Agreste de Pernambuco envia 39,5% da sua produção para outros estados do Nordeste, 31,2% para outras cidades de Pernambuco, 12,5% para o estado da Bahia, 5,3% para a região do Polo, 1, % para os estados do Norte do país, 5,9 para outras regiões e 4,9% com destino ignorado”.⁴⁴

O grande crescimento da indústria de confecções no Agreste Pernambucano somado a reintrodução da cultura do algodão no Agreste Setentrional no ano 2000 e que já se estende ao Sertão do Pajeú e ao Sertão do Araripe (2018) em Pernambuco, já com a participação da EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, órgão Federal, que desenvolveu sementes que usadas nestas regiões produzem um algodão agroecológico que é produzido sem a

⁴³ ANDRADE, Bruno Alves de; DINIZ, Basques. **Distribuição Espacial da Indústria Têxtil e de Confecções em Pernambuco**: qual a influência dos fatores locais. Dissertação (Mestrado em Economia). Recife, UFPE, 2016. p.16.

⁴⁴ VIANA, Fernando Luiz Emerenciano, **A Indústria Têxtil e de Confecções**, BNB – 2004. p.56.

aplicação de produtos químicos, tais como fertilizantes sintéticos e agrotóxicos deve viabilizar o retorno da indústria de fiação e tecelagem ao estado. Pernambuco, aos poucos, retorna a estrada de uma indústria secular na região, porém de uma forma mais profissional e segura.

6 Referências Bibliográficas

ANDRADE, Bruno Alves de. **Distribuição Espacial da Indústria Têxtil e de Confeções em Pernambuco**: qual a influência dos fatores locacionais. Dissertação (Mestrado em Economia). Recife, UFPE, 2016.

BÔAS, Amanda da Silva Villas. **O Desenvolvimento Industrial do Brasil na Década de 1930**. TCC – Contabilidade e Gestão Pública, 2018.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 35ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

JUNIOR, José Ribeiro, **A Economia Algodoeira em Pernambuco da Colônia a Independência**. TCC – História – UNESP, 1981.

Programa resgata cultura do algodão no Agreste Setentrional
http://www.ipa.br/noticias_detalhe.php?idnoticia=2785, de 23/05/2000.

O ressurgimento da produção algodoeira no semiárido- jornal Folha de Pernambuco

<https://www.folhape.com.br/economia/o-ressurgimento-da-producao-algodoeira-no-semiarido/84341/> - outubro 2018, Barros, Maria Ligia.

Instituto Euvaldo Lodi-SEBRAE nacional, Confederação Nacional da Agricultura, 2000.

LOPES, Jose Sergio Leite, **A Tecelagem dos Conflitos de Classe na Cidade das Chaminés**, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988

NETO, Jose Batista de Lira, **O Bicudo em Ingá-PB: A História da Chegada da Praga do Bicudo no Nordeste Brasileiro**. Dissertação (Especialização em História Local), Campina Grande, UEPB, 2020.

PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. 26ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA, 1981 SEBRAE. **Análise da Eficiência Econômica e da Competitividade da Cadeia Têxtil Brasileira**. 2000

SOUZA, Juliana Cabral Lopes de. **História Econômica de Pernambuco**: uma síntese das características de sua formação. TCC – Ciências Econômicas, 2019.

VAZ, Alisson Mascarenhas. **A Indústria têxtil em Minas Gerais**. UnB, s/d.

VIANA, Fernando Luiz Emerenciano, **A Indústria Têxtil e de Confeções, BNB - 2004**

O Legado de Herman Lundgren

www.embuscadopassadoperdido.blogspot.com/search?q=Fam%C3%ADlia+Lundgren&m=1 resp.: Karla Ludgren; orientador: Prof. Dr. Roberto Minadeo, 2013.